



O ENSINO DE LÍNGUA E SUAS IMPLICAÇÕES EM SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM VIVENCIADA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

II

Ana Daniele Félix da Silva; Sara Laysa de Azevedo Gomes; Magliana Rodrigues da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

anadanielefelix6@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

saragoomes@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

[magliantarodrigues@hotmail.com](mailto:maglianarodrigues@hotmail.com)

Resumo: Considerando o fato de que o ensino de língua portuguesa na educação básica ainda continua voltado a métodos tradicionais, tornou-se indispensável, nos cursos de licenciatura, em especial nos estágios supervisionados, elaborar e desenvolver propostas que priorizem o trabalho com gêneros textuais e literários na sala de aula, como tem sido a orientação dos documentos oficiais (PCN, 1997). Diante disso, foi elaborado um plano de atividades com foco nos gêneros textuais/literários para uma turma do 8º ano do ensino fundamental II, numa escola pública na cidade de Campina Grande/PB, nos meses de Abril e Maio do ano corrente (2017). Baseado nesse fato, o presente artigo abordará experiências vivenciadas durante esta intervenção do Estágio Supervisionado II, no Curso de Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba. Desenvolvemos nesse período a temática intitulada “Desigualdade social: uma realidade histórica”, que foi subdividida em três subtemáticas: a desigualdade social racial; desigualdade social de gênero e desigualdade social na escola. A partir do tema proposto, escolhemos gêneros textuais e literários diversificados para trabalhá-la com os alunos. Entendendo que o adolescente passa por transformações sociais, procuramos adaptar as nossas atividades a uma realidade próxima do alunado, relacionando-as às práticas sociais das quais eles participam, e escolhendo uma maneira dinâmica e lúdica para desenvolver a temática na sala de aula. Neste estudo, iremos apresentar a experiência desenvolvida em sala com alguns gêneros textuais e literários, inspirada nas contribuições de FERREIRA (1970); ALVES FILHO (2011), dentre outros.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Gêneros. Ensino Fundamental II.

Introdução

As disciplinas de Estágio Supervisionado, exigidas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), são de fundamental importância para os cursos, principalmente quando se trata dos cursos de licenciatura, em especial, língua portuguesa. Entendemos que pensar nestas referidas disciplinas, implica pensar o curso de Letras como um processo de formação de professores comprometidos com as práticas escolares, desde a educação básica. Com os estágios, desenvolvemos reflexões



feitas acerca da nossa própria experiência na escola, buscando sempre melhorar e contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos.

Neste artigo, descreveremos a experiência que vivenciamos no ensino fundamental, que tem como principal objetivo mostrar como se deu o ensino de Língua Portuguesa (língua e literatura) na sala de aula, a qual se destinou ao estudo dos gêneros textuais. Durante esse período na escola, procuramos nos adaptar à realidade da sala de aula em que atuamos, observando a produtividade dos alunos com relação ao ensino de LP ao longo das aulas, bem como o nosso desempenho enquanto professoras-estagiárias.

O estágio serve para nos aproximar da realidade em que as escolas se encontram em relação à disciplina de Língua Portuguesa, pois adquirimos experiências que irão influenciar direta e/ou indiretamente na nossa formação profissional, levando-nos a refletir a relação teoria e prática, e possibilitando grandes experiências que se somarão a tantas outras proporcionadas pelo curso e que resultarão numa melhor formação como futuras professoras. O componente em discussão também nos permite contemplar e consolidar as observações/intervenções realizadas durante o período do estágio, refletindo sobre as práticas de literatura, leitura e escrita na escola, estabelecendo um elo entre as teorias e a prática no cotidiano escolar. Neste artigo, então, relataremos o resultado da nossa vivência e experiências na prática do estágio.

Metodologia

Através da produção de um plano de aulas e atividades, atrelado a um módulo didático, norteamos a nossa intervenção, que foi realizada na rede pública de ensino, em uma escola estadual, localizada na cidade de Campina Grande/PB, sob a orientação da professora Magliana Rodrigues da Silva, no período 2016.2, na turma do 8º ano "B", no semestre de 2016.1, no turno diurno, com o objetivo principal de contribuir com o processo-aprendizagem dos alunos, visando a formação do leitor proficiente, através de gêneros textuais e literário diversificados.

Resultados e Discussão

A língua como forma de comunicação é um instrumento fundamental para toda sociedade. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa (LP) na sala de aula deve ser fundamentado em propostas de interação, no intuito de instigar o desenvolvimento dos alunos na sala de aula, uma vez que o professor deve sempre tentar despertar no discente a capacidade de interagir e comunicar-se, para que o seu trabalho não fique fixado apenas à sala de aula, mas que possa ir além do âmbito



escolar.

A interação entre professor e aluno na sala de aula é um dos principais itens no processo de ensino-aprendizagem, pois, não só o aluno torna-se o alvo da aprendizagem, mas também o próprio mediador, o professor, está apto a aprender ainda mais trabalhando com o ensino de forma interativa. Moretto (2009) ressalta a importância daqueles professores que dirigem o olhar para um trabalho interativo que possibilite atividades de produção de textos relacionados às práticas sociais das quais os sujeitos participam. Dessa forma, considerando que os alunos do Ensino Fundamental são crianças que estão entrando na adolescência e, de forma geral, são conflituosos, é preciso que o docente possa escutar o aluno, procurar entendê-lo, e, assim, buscar o melhor para que a relação entre ambos funcione de forma proveitosa no âmbito escolar, pois, de acordo com o estudioso Vygotsky, a interação social é ponto central do processo educativo.

A origem do estudo da concepção interacionista foi uma descoberta do norte-americano Dell Hymes (1991), um dos principais responsáveis pelo estudo desse processo. Para ele “aprender apenas a estrutura gramatical não é condição suficiente para uma pessoa ser capaz de usar a língua”, parte daí o foco principal do estudo da língua, não de forma tradicional, mas sim, interacionista, já que contribui para a análise linguística dentro de contexto; oferecendo horizontes de interpretações para o alunado.

Sabemos que desenvolver a língua materna é de total importância para o indivíduo, levando em conta que, a partir dela, ele vai conseguir aprender e absorver conteúdos de outras áreas, como também o seu dia a dia, que depende de como se desenrola essa língua. A língua portuguesa, em suas duas modalidades, oral e escrita, vem sendo trabalhada na escola, em alguns casos, de forma incorreta. Como é apresentado no PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais):

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. Um exemplo: nas aulas de Língua Portuguesa, não se ensina a trabalhar com textos expositivos como os das áreas de História, Geografia e Ciências Naturais; e nessas aulas também não, pois considera-se que trabalhar com textos é uma atividade específica da área de Língua Portuguesa. Em consequência, o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria [...] Por isso, todas as disciplinas têm a responsabilidade de ensinar a utilizar os textos de que fazem uso, mas é a de Língua Portuguesa que deve tomar para si o papel de fazê-lo de modo mais sistemático. (PCN, p. 21)

No entanto, faz-se necessário trabalhar com o aluno de uma maneira interdisciplinar, relacionando as disciplinas nas quais o aluno seja capaz de entender que estas estão interligadas. Por



esta razão, é importante que o professor ensine ao aluno como explorar o texto expositivo, e mostre como trabalha-lo em sala de aula, pois o professor muitas vezes torna-se dependente do livro didático, mesmo sabendo que este, geralmente, só traz fragmentos de textos, ou textos considerados insuficientes para o aprendizado do aluno.

Para tanto, torna-se importante oferecer um contexto de mundo para os alunos, por isso é realizado o trabalho com os gêneros textuais e literários em sala de aula, considerando que os gêneros estão relacionados a nossa vida e às situações comunicativas.

Os gêneros propõem uma visão no desenvolvimento da escrita e oralidade, sabendo que cada gênero necessita ser adaptado ao contexto em que está inserido, como também abordando suas características distintas conforme cada série. Para tanto, Marcuschi (2008) afirma que os gêneros textuais são a nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia, além de serem necessários para a interlocução humana.

Os gêneros são vistos como forma de organizar dinamicamente a comunicação humana e de expressar significados de modo recorrente, e essa deve ser a lógica repassada aos discentes, levando em consideração que muitos não sabem se quer o que significa a palavra gênero, (FILHO, 2013).

Para realizar o trabalho com o gênero, seja ele oral ou escrito, é fundamental mencionar que a escola ainda possui receio em trabalhar o gênero oral. Isso prejudica, em alguns casos, o desempenho do aluno com atividades extraescolares.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PCN, p.27)

Através do trabalho com gêneros, o indivíduo poderá desenvolver o prazer pela leitura e pela escrita. Porém, cabe ao professor trabalhar com os alunos os gêneros textuais que são mais presentes no cotidiano dos discentes, permitindo assim que eles possam utilizar de maneira mais adequada à linguagem em suas duas formas (escrita e oral).

Os alunos, muitas vezes, não têm acesso ao trabalho com os gêneros textuais, orais e/ou literários, pois o professor não prioriza o seu uso, principalmente no que diz respeito aos gêneros literários, restringindo a aula apenas ao ensino convencional. Por este motivo, é importante





mencionar que o trabalho com os gêneros e o ensino interacionista é indispensável para um ensino eficaz.

O ensino de literatura no contexto escolar

O ensino de literatura na sala de aula pode levar o aluno a perceber diferentes caminhos, mas o principal deles é despertar o senso crítico no aluno, uma vez que a literatura têm muitos artifícios para tal, advindas de várias épocas e, principalmente, de vários autores. Dito isso, Ferreira (1970) afirma que:

O estudo de literatura contribui para tornar o homem mais compreensível e indagador, diante da misteriosa complexidade que pode revestir a pessoa humana com a qual se defronta e é obrigado a conviver, na comunidade em que se insere. [...] Por meio dos estudos literários, o estudante pode alcançar a sua meta final de visão e compreensão de tudo o que forma o complexo da condição humana. (FERREIRA, 1970, p. 7)

Dessa forma, entendemos que, a partir do ensino de literatura, o indivíduo passa a ser um verdadeiro cidadão, o qual passa a encarar não só a sua própria realidade, mas a da sociedade em que convive, pois a literatura é capaz de tornar o ser letrado a enxergar o mundo a sua volta, e, principalmente, passa a ter possuir o letramento literário, uma vez que tornará o leitor a ser reflexivo.

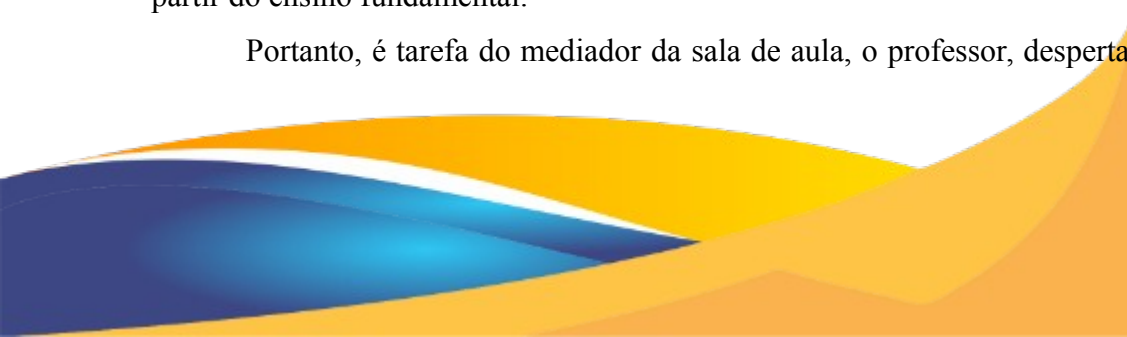
Muitos professores utilizam os gêneros literários como pretexto para o ensino de língua ou como diversão, como por exemplo o uso da literatura em cordel, era visto sempre como algo “engraçado”, mas, muitas vezes, não utilizam esse texto enquanto gênero literário. Por esta razão, faz-se necessário considerar a importância não só do trabalho com os gêneros, mas levar em consideração a noção do letramento literário em sala de aula

Mas o que seria esse *letramento literário* (LL)? De acordo com (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67), é “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Nessa definição, entendemos que o letramento literário é um processo, que deve ser utilizado para o indivíduo ler e/ou produzir textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário.

É importante considerar que o letramento literário ultrapassa as barreiras da sala de aula, pois ajuda o rendimento do aluno, e também ao professor, uma vez que o LL transforma as relações humanas, através da prática social.

Hunt (2010), em seu capítulo "Definição da literatura infantil", afirma que "as crianças precisam ter acesso à literatura para gostar dela", pois, como irão gostar de algo que não conhecem desde cedo na escola? Por meio da leitura literária a criança tende-se a se tornar um sujeito crítico da realidade em que está inserida, partindo daí efetiva-se o princípio da formação como leitor a partir do ensino fundamental.

Portanto, é tarefa do mediador da sala de aula, o professor, despertar o interesse dos alunos





pela leitura, levando textos que possam avivar o gosto pela leitura literária. Para isso, Ferreira (1970) cita:

Cabe ao professor consciente das finalidades e das condições mencionadas inerentes ao estudo da literatura, realizar um planejamento de trabalho docente e discente, do qual o aluno tire o aproveitamento máximo da atividade de ler e, como consequência, venha de fato a relacionar-se intelectual e afetivamente à arte literária. (FERREIRA, 1970, p. 42)

Se o professor responsável pela sua turma não realizar o trabalho de apresentar os gêneros literários para os alunos, eles não terão acesso a esse mundo, pois muitas vezes o único meio de leitura que as crianças possuem é o livro didático (LD), oferecido na escola. Ademais, sabe-se que o LD ainda explora muito pouco a questão dos gêneros literários. Por esta razão, faz-se necessário que o professor abranja esse mundo para os alunos.

Um cidadão que possui o hábito de leitura, passa a enxergar o mundo de uma maneira ampliada, o mundo, para ele, vai além do que os olhos podem ver. Segundo Cavalcanti (2002), "a criança iniciada no mundo da leitura é alguém que pode ampliar sua visão do outro, que pode adentrar no universo do simbólico e construir para si uma realidade mais carregada de sentido", ou seja, não só a criança, mas o sujeito, de uma forma geral, quando adentra no universo da literatura, tem contato com o potencial de palavra que amplia a nossa visão do mundo.

Análise e discussão sobre as aulas de língua

a) sobre a temática e os gêneros textuais

Com o intuito de abordar o ensino de língua na sala de aula, a nossa prática docente no estágio se desenvolveu por meio de um plano de atividades, a qual foi intitulada "Desigualdade social: uma realidade histórica". A escolha dessa temática surgiu a partir da leitura do conto "o bife e a pipoca", de Lygia Bojunga", o qual aborda bem a desigualdade e chamou muito a nossa atenção, tendo em vista que é um assunto "velho", mas continua tão atual em nosso cotidiano. Partindo desse pressuposto, surgiu a ideia de trabalharmos com essa temática, sendo ela divididas em alguns subtemas: "desigualdade racial, de gênero e na escola".

A escolha da temática foi o primeiro passo para a realização das nossas ações. Em segundo lugar, partimos para a escolha dos gêneros textuais/literários que iriam ser utilizados em nossas aulas, tais como: conto, cordel, tirinha, charge, artigo de opinião.

A partir disso, pretendemos mostrar, através da descrição e, principalmente, reflexão, o que trabalhamos em nossas aulas, tais como: os gêneros textuais, a temática, os recursos, e,



principalmente, positivos e negativos da nossa intervenção na experiência do estágio.

Para a abordagem do tema escolhido por nós, professoras-estagiárias, decidimos explorar alguns gêneros textuais, e, além disso, com dinâmicas, para promover a interação na sala de aula, pois, de acordo com o OCEM (2009, p.24), "é na interação em diferentes instituições sociais que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem.". Ao levar em consideração a ideia de interação, sentimos o desejo de preparar aulas mais dinâmicas para os alunos, uma vez que tornou-se mais fácil de os alunos compreenderem o que estava sendo discutido através da brincadeira, e também por eles estarem desacostumados com aulas desse tipo.

Logo na primeira aula, tentamos explorar ao máximo a temática de uma forma dinâmica. Depois de discutirmos e explicarmos o elemento motivador, fizemos a produção de um mural com os alunos, no qual eles identificavam se existia desigualdade social ou não nas imagens observadas. Também fizemos uma brincadeira chamada "batata-quente", que tornou a aula bem divertida para os alunos, além de levarmos uma música para os discentes. Como se tratava do nosso primeiro encontro, exploramos muito o tema para fixá-lo.

O segundo encontro, intitulado "Desigualdade social racial", cuja temática perdurou por quatro aulas, foi iniciado com a realização da dinâmica "Caixa do preconceito", que estimulou e despertou a atenção dos alunos em relação ao tema. Depois disto, dividimos a turma em cinco grupos, entregamos aos grupos notícias diferentes sobre o preconceito racial. Cada equipe apresentou para o restante da turma de que se tratava a sua notícia. A partir do momento que eles estavam lendo, começávamos a discussão a respeito da estrutura e finalidade do gênero notícia, e, com isto, eles estavam sendo incentivados a identificarem as características no gênero abordado, tais como: manchete, título auxiliar, lead.

Esta metodologia permitiu que os discentes interagissem entre si, e se empolgassem a responderem as características estruturais de tal gênero. Além da temática estar relacionada ao cotidianos deles, em relação ao estudo do gênero Amy Devitt (2009) *Apud* Alves Filho (2011, p.70) defende que os gêneros podem ser um excelente objeto de ensino-aprendizagem, mas desde que eles sejam vistos com significado social e cultural, Devitt (2009, p.3), e com isto, Alves Filho (2011) ainda ressalta o contexto de circulação da notícia, visto que ela "é um dos gêneros aos quais as pessoas estão mais intensamente expostas em sua vida cotidiana, porque ela pode ser encontrada em inúmeros lugares e suportes". Diante disso, percebe-se a presença viva e recorrente deste





gênero, que aborda os mais diversos temas, de forma clara e objetiva, sendo este um fator que possibilitou a compreensão dos alunos no momento da leitura e discussão das notícias entregues.

Esse encontro foi de fundamental importância, pois nos permitiu explorar bem o gênero notícia, bem como a temática, ambos interligados. No entanto, priorizamos o ensino de língua, ao invés da temática, o que consideramos um aspecto positivo. Ademais, nos fez perceber o quanto é necessário o ensino com os gêneros de forma interativa na sala de aula, uma vez que pode nos levar a vários caminhos, mas, principalmente, despertar o interesse do aluno na aula de língua.

A partir do trabalho com o gênero notícia, abordamos também, outros gêneros que estão em um mesmo campo temático, tal qual a charge, pois, Alves Filho (2011, p. 96) afirma que:

Há um conjunto de gêneros que são implicados na compreensão e produção das notícias porque pressupõem habilidades discursivas específicas que são, muitas vezes, também as habilidades necessárias para se ler e/ou escrever uma notícia, porque fazer parte dos contextos de recepção e de produção da própria notícia.

Os gêneros citados por ele são, especificamente, charge, artigos de opinião, carta do leitor, entre outros. Mas aqui, pretendemos enfatizar apenas a charge, tendo em vista que foi a mais presente no decorrer das aulas. Sabendo que a charge trata de questões sociais de modo humorístico, além de também está relacionada ao universo midiático, assim como a notícia, Flores (2002 *apud* ARANHA, 2014, p. 151) vai caracterizá-la como:

[...] um texto usualmente publicado em jornais, sendo por via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizados de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compre-la sem considerar os dois códigos, complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado – aquele e não outro qualquer.

Com base na definição abordada por Flores, trabalhamos todos esses aspectos nas charges abordadas nesses primeiros encontros, e, com isto, realizamos uma atividade avaliativa ANEXO A, solicitada pela professora titular. Nesta atividade, foi pedido que os alunos realizassem um comentário acerca das impressões que tiveram em relação a leitura e interpretação do tema proposto, bem como apontar as características estruturais do mesmo. Esta atividade obteve um bom êxito em quase toda turma, pois haviam duas charges, e alguns se prolongaram mais em analisar uma, enquanto os demais conseguiram, mesmo em pouco tempo, falar e apresentar todas as características pertinentes contidas nas charges propostas.

O uso da charge no ensino de língua portuguesa é essencial, pois é um gênero textual fácil de ser trabalhado e discutido, visto que se aproxima da realidade dos alunos. Percebemos que o aluno prefere o trabalho com a charge do que com um texto apenas verbal, por exemplo, uma vez



que eles não possuem o hábito da leitura em sala de aula. A intenção dessa atividade foi mostrar, indiretamente, que a partir de uma imagem podemos criar um texto verbal, através do nosso posicionamento crítico.

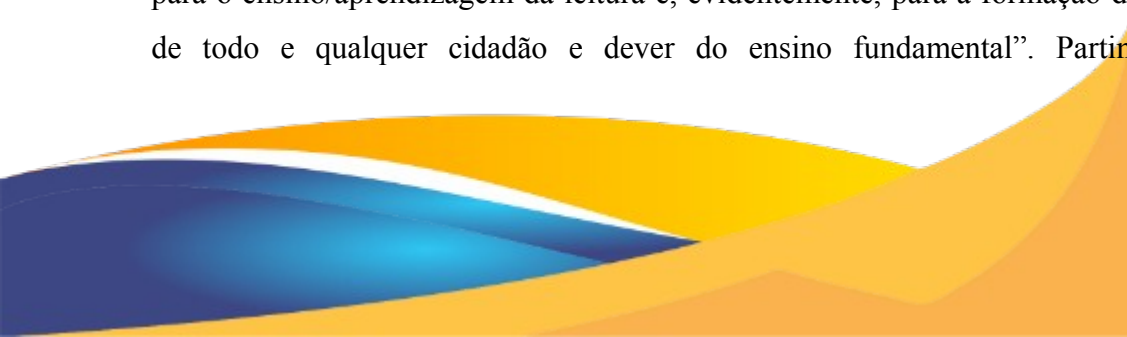
3.2 Análise e discussão sobre as aulas de literatura

A palavra “letramento” apresenta uma grande variação nos tipos de estudos em que se enquadra. A partir disto, percebe-se a complexidade deste conceito. Paulo Freire atribui um sentido à alfabetização, sentido este que é capaz de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, desenvolvendo e despertando sua consciência crítica, a fim de introduzi-lo num método de libertação e manifestação do pensamento segundo Kleiman (1989) *apud* Freire (1980). Essa manifestação está relacionada à liberdade do sujeito na criatividade de sua leitura “imaginativa”.

Na sala de aula, este é um fator que deve estar presente, principalmente quando se trata do ensino de literatura. Sendo assim, a nossa temática, como mencionado, surgiu a partir da leitura do conto “O bife e a pipoca”, de Ligya Bojunga. Visando o aluno do ensino fundamental como leitor em formação, procuramos meios que os despertassem na leitura colaborativa, ao mesmo tempo que compreensiva. Nos encontros sobre desigualdade social de gênero, foram lidos e discutidos gêneros literários, como: cordel e conto e, através deles, os alunos puderam ter uma visão mais apurada do que venha ser a literatura, a ponto de expressar sua admiração por tal gênero, como por exemplo o cordel “A mulher que vendeu o marido por 1,99”, de Atayde que trouxe uma dinamicidade no decorrer da leitura, do mesmo modo que o conto maravilhoso “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colassanti.

Esse encontro foi um sucesso na sala de aula, uma vez que o cordel é um texto fácil de ser trabalhado, e, principalmente, engraçado. A partir disso, escolhemos alguns alunos para realizarem a leitura do cordel e para interpretá-lo. Os alunos amaram a experiência que tiveram, pois foi um momento de descontração e, sobretudo, de muito aprendizado para eles e para nós também. Na leitura do conto de Marina Colassanti, percebemos que os alunos também gostaram, pois a leitura foi feita de uma maneira diferente, dramatizada, a fim de aguçar a imaginação dos alunos.

Na perspectiva de desmistificar a falsa ideologia de que o ensino de literatura só está presente no Ensino Médio, Rangel (2007, p.138) diz que “considera o texto literário indispensável para o ensino/aprendizagem da leitura e, evidentemente, para a formação do gosto literário, direito de todo e qualquer cidadão e dever do ensino fundamental”. Partindo desse pressuposto,





compreende-se a preocupação do autor em relação a defesa de que literatura também faz parte do ensino fundamental, e ainda ressalta que deve haver uma seleção criteriosa dos textos que deverão ser utilizados e explorados nessas séries. Sendo assim, enfatizamos as experiências vivenciadas por nós, em relação ao ensino de literatura no 8º ano, pois em nenhum momento os discentes recusaram a leitura do conto, uma vez que procuramos uma didática que os envolvessem, sem que ao menos eles, sem perceber, já estivessem incluídos neste meio literário.

A leitura do conto “O bife e a pipoca”, foi essencial para o encerramento da discussão da temática, tendo em vista que é um assunto recorrente: a desigualdade social na escola. Fizemos a leitura do conto através do data show, os alunos se mostraram muito interessados pela leitura, visto que também foi realizada de uma forma dinâmica.

Como o conto continham algumas cartas, xerocamos e distribuimos dentro de envelopes, para que ao receberem, a lessem como se fossem para eles mesmos, e se situassem na ordem que aquele conto estava dividido. De fato a experiência foi imprescindível, eles acompanhavam a leitura e interagiam na hora das perguntas estratégicas que havíamos preparado, como outra forma de possibilitar uma leitura prazerosa e compreensível. Deste modo, iniciamos a leitura de alguns capítulos nas duas primeiras aulas, e concluimos nas duas últimas referentes aos sexto e sétimo encontros.

A experiência mais marcante se deu em relação a forma em que os alunos interagiam com os personagens do conto, pois a todo tempo eles estavam curiosos para saber o que de fato estava acontecendo com eles, e até lamentavam, e ao mesmo tempo criavam expectativas no desenrolar da história, acontecendo assim, o que de fato esperávamos, a relação e envolvimento dos discentes com o conto apresentado, em consonância com o que enfatiza Dalvi (2013, p. 73) *apud* Pinheiro (2016) após observar que os alunos devem identificar-se passivamente com os personagens, ficar emocionados com os textos, tornando-se indivíduos “mais sensíveis” e, talvez, mais controláveis pela escola e pela sociedade.

Um aspecto positivo, a ser abordado aqui, é que não restringimos as nossas aulas apenas o trabalho com os gêneros textuais, mas demos a mesma importância ao trabalho com os gêneros literários. É interessante ressaltar o não-conhecimento dos alunos com tantos gêneros explorados por nós, na sala de aula. Notamos a dificuldade dos alunos em (re)conhecer os gêneros, talvez por não ser trabalhado, ou pelo fato que os discentes não possuem interesse em aprender. Por este motivo, consideramos a nossa experiência tão válida e positiva, pois levamos o gênero aos alunos e podemos perceber a importância desse trabalho, que vai além do âmbito escolar e está presente nas



nossas situações comunicativas do cotidiano.

Considerações finais

Ao concluir a nossa experiência na prática do estágio, tivemos a oportunidade de conhecer a sala de aula além da teoria, mas principalmente vivenciar as atividades práticas, as quais aperfeiçoaram nossos conhecimentos, o que muito nos serviu de experiência não só no campo profissional, mas também no pessoal. O estágio foi de grande importância, pois através da prática passamos a compreender ainda com mais precisão a realidade da sala de aula, devido à aplicação da teoria à prática.

É imprescindível que os alunos da escola básica tenham o aparato necessário para uma boa educação, devendo se empenhar em estudar e ser um personagem de grande importância para o crescimento do seu país, como também zelar pela sua escola para que, como ele, outros alunos possam ser beneficiados e ajudados, pois uma nação sem educação não tem como crescer. Nós, enquanto professoras, tentamos dar todo o nosso melhor em nossa experiência, para ajudar direta e indiretamente no crescimento dos alunos.

Esta experiência nos fez pensar sobre a nossa postura como docentes, que nos serão úteis para nossa vida como um todo. Entendemos que para sermos profissionais competentes, devemos lutar contra os obstáculos que nos é lançado em meio a esse processo de busca e aprendizado, lutando e vencendo as mais difíceis etapas que surgirem ao longo da caminhada. O estágio nos fez refletir, principalmente, em que tipo de profissional queremos ser, buscando sempre dar o melhor de nós para contribuirmos satisfatoriamente cada vez mais com a realidade da educação em nosso país, procurando a todo tempo fazer nossa parte, sempre focadas no objetivo de contribuir com o melhor, sempre.

Referências bibliográficas

ALVES FILHO, Francisco. Gêneros jornalísticos: notícias e cartas do leitor no ensino fundamental / Francisco Alves Filho. –São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção Trabalhando com...na escola)

ARANHA, Simone Dália Gusmão. **O professor na mídia**: a leitura da charge como representação social. Universidade Estadual da Paraíba. -Campina Grande, 2014. (p.151)

FUNDAMENTAL, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de educação fundamental, 1997.

CAVALCANTI, Joana. A narrativa: do sagrado ao poético. In: **Caminhos da literatura infantil e**



juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2002.

DALVI, Maria Amélia. Leitura de literatura na escola. In: Literatura na escola propostas didático-metodológicas. –São Paulo, SP: Parábola, 2013. (p.73)

FERREIRA, Livia. **A convivência com os textos.** São Paulo, 1970.

HUNT, Peter. Definição de literatura infantil. In.: **Crítica, teoria e literatura infantil.** Ed. rev. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

KLEIMAN, A.B. **Leitura:** ensino e pesquisa. São Paulo: Pontes Editores, 1989.

MORETTO, Milena. Aula de português: um espaço para o dialogismo. In: **Leitura:** teoria e prática. São Paulo: Global, 2009.

RANGEL, Egon de Oliveira. Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro. In: **Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis”.** 1. Ed., 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (p. 127 a 145)

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário:** para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

